ANNO I — DOMINGO, 9 DE MAIO DE 1886 — NUMERO 9

O ENTHUSIASTA

JORNAL PARA O POVO

ASSIGNATURA

Guimarães, anno 500
Com estampilhas 600

Orgão do Grupo dos Enthusiastas

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ANNUNCIOS

Por linha 40
Para artistas . . . . . *Gratis*

Dr. João Ferreira Franco Pinto Castello Branco

DEPUTADO POR GUIMARÃES

GUIMARÃES, 8 DE MAIO

CASTELLO BRANCO

CHEGA hoje a esta cidade o nosso deputado dr. João Franco Castello Branco.

O povo d'este concelho já sabe o que elle é, o que elle vale: por isso sente-se o fremito do enthusiasmo no ardor com que todos se preparam para festejar-lhe a sua vinda. O que não será logo!

Para quem não conhecer este homem, tão nobre de coração, como distincto de intelligencia; para quem não o conhecer pelos actos nobilissimos da sua ainda curta, mas já brilhante carreira; para quem não souber de que alto quilate lhe dotou Deus a intelligencia: póde advinhar-lhe os dotes nas linhas energicas e firmes que lhe caracterisam a sympathica physionomia.

E é um rapaz ainda.

Mas um rapaz que vale um velho nas manifestações correctas e irreprehensiveis do caracter; mas um rapaz que vale um velho na seriedade dos seus actos, na predilecção dos seus estudos, nas considerações que desperta, nas adhesões que conquista ao seu nome tão brilhantemente aureolado.

É um rapaz para o ardor e enthusiasmo na defeza das causas justas; é um rapaz com todos os attributos attrahentes da mocidade — no tracto naturalmente affavel, na abnegação intransigente, no culto caloroso do bello e do justo, na fluencia e energia da palavra, na vivacidade das operações da sua razão.

É este o deputado por Guimarães.

Deputado? Mais do que esta palavra traduz na realidade dos factos: é o procurador caloroso, apaixonado, da causa de Guimarães.

Por isso, nós, os Enthusiastas, lhe prestamos a homenagem do nosso respeito, a adhesão das nossas vontades liberrimas, a manifestação vibrante do enthusiasmo de homens novos e vimaranenses.

É que elle, aos novos, incendeia-os, aos velhos agrada e agita-os.

Á estação, vimaranenses!

*

Apresentamos hoje o retrato do dignissimo deputado pelo circulo de Guimarães, o exc.mo snr. dr. João Ferreira Franco Pinto Castello Branco.

Apesar das difficuldades e sacrificios com que tivemos de luctar conseguimos alfim prestar ao valente defensor da causa de Guimarães esta pequena homenagem.

CADA TERRA COM SEU USO

O PROGRAMMA de festejos para a recepção do deputado por este circulo causou em alguns gazeteiros de Braga uma estranheza, que só se comprehende depois de meditar na maneira por que os nossos bons visinhos costumam festejar os seus heroes.

Meditemos no caso mais fresco.

Quando o actual governo proclamou o *direito* de Braga — porque é bom não esquecer que o actual governo reconheceu o *direito* de Braga, o direito de correr a gente á lapada, etc. — quando o governo actual, como iamos dizendo, correu o direito á lapada, reconhecendo na cidade dos arcebispos o direito de fazer o mesmo a quem lhe cantasse fóra do côro, os nossos visinhos sentiram a necessidade de mostrar toda a sua gratidão aos campeões da integridade do districto. E vai pegaram n'elles todos — pois não eram poucos — atapulharam-nos n'um carro das procissões, por signal que era propriedade do snr. José Armador (consta de gazetas) e andaram a exhibil-os pelas ruas e praças da terra. A precipitação, com que a apotheose foi feita, não permittiu que a dança do rei David désse áquella magestosa procissão todo o esplendor, que era para desejar.

Ora nós nada estranhamos em tudo aquillo, porque respeitamos muito os anexins: *Cada terra com seu uso*. Se fossemos de Braga, haviamos de encafuar o deputado n'um carro de procissão; não havia de faltar o rei David, nem o boi bento, nem o carro das hervas; á noite não faltariam os fogaréos, etc.

Mas temos outros usos e o que esperamos pelo menos é que os nossos intolerantes visinhos nos não venham correr á pedra, por nos não conformarmos com as suas costumeiras.

Então o rei David e o boi bento, o carro das procissões são a ultima palavra das festanças?!

Nós não acreditamos.

A FRANCO CASTELLO BRANCO

SE o talento arrebata e tudo sobredoura,
Banhando-nos a vida em luz consoladôra,
Tu serás essa luz brilhante e duradoura,
Conservando noss'alma em permanente aurora.

Mas se amar a justiça e qu'rer a liberdade,
Conquista para o homem eterno galardão,
O culto que alcançaste aqui, n'esta cidade,
Jámais acabará; impõe-no a gratidão.

Nitrato.

OH! CÉOS!

O CASO tem resaibos de tragedia antiga.

Vai tudo razo. Morre tudo, como nos *Sete infantes de Lara!*

Fazer festejos a Castello Branco!! E aos vimaranenses, que tem prestado serviço na questão? E aos procuradores? E ao snr. conde de Margaride?

A estas interrogações, feitas *com energia e asco*, e dentro da *ordem* da indignação tragica d'algum, ou alguns progressistas dos seis, perguntamos, não só com indignação, que é pouco, mas cheios de ira, da ira fulminadora, da ira homerica: e a nós? e a nós os Enthusiastas? Então nós não sômos gente?

Oh! céos! oh! deuses!

Ora, não vêm estes cegos d'espirito que todos nós, o snr. conde de Margaride, o snr. José Minotes, o snr. dr. Meira, toda a commissão de vigilancia, os commerciantes, os artistas, os povos do concelho, teem prestado serviços na *sua questão*, na questão d'este concelho, n'esta grande causa de Guimarães?

Se a questão é de nós todos, se todos prestamos serviços em causa propria, se até s. exc.as os prestaram até ao tempo em que cahiu o governo regenerador... como se lhes metteu no toutiço que fizessemos grandes festejos uns aos outros? Conhecemo-nos todos; todos sabemos quem tem prestado mais ou menos serviços, conforme as suas aptidões, energia, actividade, dignidade, posição, occasião, e ardôr; até conhecemos quem só gosta de tricas de politica reles; mas não nos podemos festejar em causa commum.

A Franco Castello Branco muda o caso de figura: nenhum favor deve á collectividade vimaranense; não nasceu aqui, não tem aqui familia, não tinha aqui relações intimas, nem sequer conhecia esta cidade, e foi eleito por um contracto. E apesar d'isto, veio ter comnosco quando d'elle precisámos; e apesar d'isso incumbiu-se da defeza da causa, e acompanhou-a, e acompanha-a, e apaixonou-se por ella com um ardor, com uma dedicação, que nunca esperámos, que nos surprehendeu, que nos enthusiasmou!

É porisso que nós, vimaranenses do concelho brioso (com licença de v. exc.a), o festejamos com estas exuberancias de demonstrações, que tanto lhes pesa.

Para nós, bastam-nos, para reciproco estimulo, as felicitações fraternas, as demonstrações domesticas de mutuo parabem, o applauso em familia áquelles que não arredam um passo do caminho do seu dever civico.

Para Franco Castello Branco, a demonstração viva, extensa e intensa de que se creou em Guimarães o seu grande partido pessoal.

GAZETILHA

Que azafama! que delirio!
que lida! que enthusiasmo
por essas ruas se vê!
Um castello refulgente!...
mil galhardetes tremulam
nos brancos postes!... Porquê?

Sim, porque tantos aprestos,
tanto labor á porfia,
tão cuidadas prevenções?
E porque floreiam lindas
as bandeiras variegadas
nas janellas, nos balcões?

Ao vêr taes preparativos
por certo qualquer *touriste*
assombrado inquirirá:
« O que é isto? quem se aguarda?
« algum principe ou magnate
« em breve aqui chegará? »

Se de saber tem desejo,
(respondo-lhe), attenção dê:
vou dizer-lhe em carme rude
d'estas festas o porquê.

É que toda a lufa-lufa
d'esse lidar incessante
tem uma causa brilhante,
nascida do coração.
É o povo vimaranense
— o povo honrado, tão nobre,
desde o rico até ao pobre,
em preparos d'ovação.

E não se enfeita de galas
esta Araduca formosa
para aguardar ruidosa
a qualquer regio senhor:
prepara, — sim, mui festiva,
acolhimento imponente
ao seu heroe valente,
do seu brio ao defensor.

São só por elle que m'rece
de todos nós affeições,
e, em preito leal e franco,
tantas manifestações.
São só por elle, que ousado
co'ardor por nós batalhou,
e campeão denodado
a nossa causa esposou.

Não representam as festas,
que se preparam pomposas,
— mau grado dos intriguistas —
quaesquer paixões facciosas;
mas sim que um povo digno,
brioso, nunca poltrão,
a Franco Castello Branco
testemunha gratidão.

Xisto.

O mandato de um povo é sempre respeitavel, porque é a manifestação soberana e o reconhecimento solemne dos seus direitos altissimos; mas n'esta época em que predomina o egoismo, que tudo sacrifica e o partidarismo que invalida e amortece as aspirações mais santas, n'esta época contemplar um povo que livre e enthusiasticamente outorga e *confirma* o seu mandato, é, por extraordinario, grandemente consolador; mas quando esse mandato popular objectiva reconquistar direitos esquecidos ou menosprezados, quando um povo, que affirma a sua vontade na sua energia intemerata, na sua persistencia heroica, no seu civismo acrisolado; quando um povo, como Guimarães, que affirma tão eloquentemente o seu querer, mostrando assim quão fundamente tem radicado n'alma o sentimento da dignidade, se vê fielmente retratado, synthetisado, n'um representante que, manejando as armas inquebrantaveis, lucidissimas, da sua intelligencia pela causa que lhe avassalla o coração — esse coração onde sempre encontram echo as acclamações sinceras e as aspirações intransigentes dos seus constituintes — eu não posso não chamar esse povo um gigante, e o seu representante um heroe; não posso não applaudir fervorosamente esse povo que aquilata a sua gratidão pela grandeza da sua justiça, e pelos meritos do apostolo da sua causa; não posso suffocar a alegria intima e ineffavel, de vêr um povo *altivo, acurvado* pelo reconhecimento, e um tribuno modêlo que se apresenta entre aquelles que o admiram e applaudem, mas sobre tudo o estremecem, conscio da sua missão, sempre fielmente cumprida.

A lucida rigidez de Franco Castello Branco, devia ser o oraculo do nosso *voto*; — mas eu não sei que mais admirar — se um povo electrisado pelo reconhecimento, se um deputado apaixonado pelo seu povo.

Que o diga Guimarães nos fremitos do seu enthusiasmo, e o nobre deputado no proseguimento da nossa cruzada.

Virgilio.

PERFIS

Nasceu d'uma gargalhada.

Alegre, folgazão, bemquisto, tem um genio buliçoso, o gesto rapido.

Nunca sorrí. O menos que faz é dar uma gargalhada que dure meia hora.

Quando se procura não se pergunta por elle. Chega-se ao principio d'uma rua e pára-se: ouvindo-se o vozear de mil pessoas, o gargalhar de cem mil, — é elle.

Tem uma paixão que o não larga. É o bilhar.

Não é um taco de primeira força, mas em lhe dando para fazer carambolas ninguem o atura.

Uma é qu'é... Duas... tres... quatro é que são!...

E zás! solta uma gargalhada de fazer estoirar o parceiro.

Hoje é compadre de todo o mundo. Dá-se bem com todos, — e por isso todos o procuram para que elle lhe baptise os filhos.

Em compensação todos o tem baptisado a elle.

Nunca na rua póde dar uma duzia de passos sem que o chamem. E elle sempre direito, sempre rapido nos seus movimentos já de longe os vai ameaçando com uma gargalhada e com o seu usual comprimento:

Sétrò lerias...

Pst Ana.

BUCHA

(d'um poeta tolentista)

Uma nação d'empregados
É Portugal? Certamente:
Até D. Miguel do throno
De Maria é pretendente.

Offerecemos essa antiga bucha aos defensores da integridade do districto, por causa dos nichos.

DOS CÉOS Á TERRA

(*Conto antigo*)

Casaram: que ventura o noivo não sentia
Balbuciando a rir: — É minha, é minha emfim!
Depois beijava a esposa emquanto lhe dizia: —
Tu has-de sempre amar como eu te amo, sim?

Casaram: e n'esse dia ainda mais formosa
A bella se mostrava ao fliz apaixonado;
— Os dentes eram perolas; as faces côr de rosa;
Os cabellos de setim, e o collo jaspeado.

Houve festa essa noite; o baile deslumbrava;
Cavalheiros e damas á valsa se entregavam,
Quando a noiva sentiu que alguem a arrebatava,
E no relogio de bronze *as tres* já resoavam.

Não notára ninguem a ausencia dos esposos,
Mas o que houve depois dizel-o bem não sei;
Entrou na sala o noivo interrompendo os gozos,
Berrando a bom berrar: — Que monstro! aqui-d'el-rei!

E que *balburdia* então! as damas com *chelíques*,
Os homens a tremer e quasi com *cheloques*,
E elle que dizia: — Amei só *arrebiques!*
Ai, céos! quem n'este mundo aguente com taes choques!

Pois não vi que era postiça a cabelleira escura,
E os dentes que adorei tombarem pelo chão?!
Mas o cumulo a final da minha desventura,
É a mulher não ter carne — é toda d'algodão!

Nitrato.

O POVO

Pois o povo de Guimarães é que ha de decidir a questão?

Não, é o governo: por tanto o povo que tracte dos seus officios, que não queira saber d'autonomias, nem integridades de districtos, nem outras cousas que taes. O povo serve para trabalhar, e nada mais.

É isto, pouco mais ou menos, o que temos ouvido dizer a quem unicamente deseja o povo para degraus d'escada.

Nós entendemos que o povo vimaranense tem feito muito bem em discutir a questão, em se apaixonar por ella, em provar que, sem praticar actos de desordem, sabe demonstrar que já chegou á altura de gozar as instituições liberaes, e que na sua alma se abrigam os sentimentos immaculados de dignidade, d'independencia e d'amor patrio.

O conflicto travado já produziu esse optimo resultado: chamou os cidadãos á comprehensão dos seus direitos, ergueu-os do abatimento profundo, da indifferença doentia, do despreso inconsciente pelas cousas publicas. O concelho de Guimarães pertence a todos, para todos emittirem a sua opinião sobre interesses communs.

Não é feudo de partidos, nem de pessoas, para que possa estranhar-se que os cidadãos discutam os factos publicos, se agitem e apaixonem contra o que offenda a dignidade do nome commum, ou lese os interesses da grande familia vimaranense.

Fez muito bem o povo vimaranense, para que d'elle se não possa dizer:

« Todo o povo que só tracta
Da sua pança e dos cães,
Cáe na mão de charlatães,
Dorme ao som de palavrões,
E acaba sem ter calções. »

A VARIEDADE DO MUNDO

É devido á penna do dr. Antonio Barbosa Bacellar o seguinte curioso soneto

Este nasce, outro morre, acolá sôa
Um ribeiro, que corre, aqui suave
Um rouxinol se queixa brando, e grave,
Um leão co' rugido o monte atrôa.

Aqui corre uma fera, acolá vôa
Co' grãosinho na bocca ao ninho uma ave;
Um derruba o edificio, outro ergue a trave,
Um caça, outro pesca, outro enfurôa.

Um nas armas se alista, outro as pendura,
Ao soberbo ministro aquelle adora,
Outro segue do paço a sombra amada.

Este muda de amor, aquelle atura;
Do bem de que um se alegre, o outro chora.
Oh mundo! Oh sombra! Oh zombaria! Oh nada!

Oscar.

O AMOR

Dizia um escriptor de nomeada, pelo seu genio humorista:

O amor é:
O melhor empenho;
A melhor desculpa;
A melhor recommendação;
O melhor premio;
O melhor pintor;
O melhor oculo;
O melhor espelho;
O melhor jogo;
O melhor vinho;
O melhor remedio;
O melhor passatempo;
A melhor distracção;
O melhor cordeal;
O melhor Rhetorico;
O melhor Poeta;
O melhor desengano;
O melhor escarmento;
Entre mulheres, inconstante;
Entre homem e mulher, desconfiado;
Entre casados, tibio;
Nos militares, passatempo;
Nos padres, interesse;
Nos estudantes, ensaio;
Nos velhos, illusão;
Nos comediantes, farça;
Nas donzellas, necessidade;
Em muitos, mania.

UM SUSTO

A noite era fria.

A cidade apresentava o aspecto de praça de guerra ou de burgo em estado de sitio.

De tempos a tempos, ouvia-se aqui, alli, acolá gritos estridulados, roufenhos, chamando ás armas.

Envolto no meu *pardessus*, descia pausadamente a rua; phantasiando idyllios com a minha Mariette; uma ingenua toda loira, de olhos azues, franzina, alva, quando ouvi um grito:

Quem vem lá? sou acordado do *dolce farniente* em que trazia embriagada a idéa.

Um raio cahindo-me aos pés não me fulminaria mais.

Tive medo.

O terror transpondo-me a epiderme vasou-me o *esqueleto* até á medula. E não é para estranhar.

O demo do homem com o diabo da *espicha* fez-me cocegas nos nervos.

Sou eu, patrãosinho, disse titubeando.

Passe de largo; respondeu-me o malvado com uma voz de quem está muito conscio dos seus direitos.

Agora é que são ellas.

Mas olhe senhor militar, v. s.ª — já lhe dava senhoria — bem vê que a rua não dá para esses luxos, é tão estreita, que de um extremo póde empalar-me no outro.

Já lhe disse, replicou a fera, assim como quem está a desejos de sangue.

Lembrei-me fugir, mas para o fazer havia de virar-lhe as costas.

Era impossivel, não sou marquez, nem nasci em Valladas.

Que fazer?

A Providencia que vela sempre pelo bem-estar d'esta pobre humanidade teve a benevolencia de me fazer achar, na occasião, em frente da casa de um amigo.

Tive uma idéa salvadora.

Bater á porta.

Bati.

A porta correndo velóz nos gonzos, — lá vai roubo ao poeta de Carnaxide; — abriu-se, entrei, ao fundo havia uma sahida, safei ainda muito tremulo, lá fui a caminho do « Café Fernandes » tomar o meu costumado calix de absyntho.

O militar acabado o quarto de guarda, tomou o archivo das suas façanhas bellicas e registrou o facto, na santa esperança, de quando um dia na sua terra, o contar nos serões á lareira aos seus progenitores lhes mostrar como:

Um lôrpa d'aldêa mette a falla ao buxo a um pimpão da cidade.

Diabalino.

DESILLUSÃO

Eu cria muito, muito! na amizade,
Imagem de meus sonhos a mais bella,
Sol do meu paraiso, minha estrella,
Meu tudo que era bom, minha anciedade.

A imagem toma vida, e lealdade
Me jura, se eu jurar morrer por ella;
Já n'isto vi caprichos de donzella,
Ou manha de mulher, valha a verdade.

Jurei quanto ella quiz, e mais jurava,
Se já me não sentisse muito rouco
De tanto que em seus laços me apertava.

Politica infernal, a quem eu louco
Vestida de Amizade idolatrava,
Se ouvidos já te dei, hoje estou mouco.

EPITAPHIO

Vejam que desgraçado aqui não jaz!
Farto de amar não sei se duzias trez,
Se quatro, cinco ou seis, ou mais talvez,
De ingratas, de rebeldes e de más,

Um dia se lembrou este rapaz
De se vingar em verso, e jura fez
De lhes não consentir tanta altivez,
Ao Pegaso descanço e ás Musas paz.

— « Oh! ingratas! rebeldes! más! hostis!... » —
Assim começou elle em tom feroz,
Caminho do Parnaso; e mais não diz,

Que um trambolhão fatal lhe embarga a voz;
Esbarra-se o cavallo, e o infeliz,
Sem se vingar, morreu de catrapoz.

A UM BEIJO LUMINOSO

Eu, quando leio coisas como esta:
— Um beijo luminoso — digo logo:
Isto d'um beijo assim há de ser fogo,
E, dado sobre a testa,
Póde lavrar, crescer...

Mas este *realista* é quem fallou;
Elle que escreve tão illuminado,
É que na testa o beijo lhe foi dado,
E desde então ficou
Com o juizo a arder.

I.

Porto: Typ. de Antonio José da Silva Teixeira
Cancella Velha, 70